

Plastic Destruction!

Dane-se a aura da obra de arte, Fancy Violence doesn't care about perenity... It is all about now! Seu passado duvidoso, repleto de sombras e pistas enganadoras, é obra da imaginação coletiva – um *tableaux vivant* de situações tão gráficas quanto fantásticas, uma coleção de *souvenirs* que foram emprestados a esta criatura de plástico e nanquim, langerie e lâminas. Alguns juram tê-la visto em Bruxelas, logo na última década da século XIX, comprando bombons no Grand Sablon; outros argumentam tratar-se de um ser imortal, tão remoto quanto o homem de Cro-Magnon.

Fancy Violence é uma anti-heroína, assassina incansável em sua missão iconoclasta, destruidora de mitos, de farsantes colecionadores e suas obras-primas, as quais ela rasga sem qualquer piedade com seu cetro afiado, um instrumento capaz de ceifar vidas e glórias indiscriminadamente (reza a lenda que certa noite teria invadido o Guggenheim, criando Fontanas onde antes havia Damian Hirsts.)

Já no século XX, determinada a forjar um novo corpo, uma criatura que faz ruir expectativas e gera especulações sobre a natureza do homem que lhe teria dado vida, Fancy aterrissou no Copan de helicóptero, de lá seguiu surda pela noite suja, amealhando cafajestes e fazendo filhos com irmãos gêmeos aguardando em fila, inquietos, no Largo do Arouche. Tendo em mãos seu pincel atômico, ela sobe em *high hills* e toma de assalto a cena artística da metrópole arrivista. Mulher castradora e homem amedrontador, simultaneamente, ambos prestes a trair seu Criador, ela busca holofotes com o mesmo empenho com que apaga vestígios da fama previamente conquistada.

Plastic destruction! Para muito além do dar ou ganhar forma, e de todos os expedientes plásticos comprometidos com uma ontologia do ser e da arte, Fancy Violence implode o artista para forjar um ente cuja sobrevida pode durar séculos ou instantes. Ela aniquila a pintura, a geometria e o corpus de trabalho artístico para garantir fôlego a este novo ser que se alimenta de resíduos pictóricos, fragmentos de história e arroubos sexuais; ao explodir a tela, deu tridimensionalidade aos monstros anteriormente plasmados no óleo. Seu aparato bélico não conta com granadas, mas dispõe de batatas cravejadas de giletes, as quais lança sobre a cidade excitada em sua intermitente febre de consumo e prazer imediato. A voz gutural, o dialeto desconhecido até mesmo pelo Papa e os apetrechos góticos são sua armadura contra as expectativas coletivas e a inveja alheia.

Entretanto, sua vaidade sem limites trai até mesmo os mais veementes propósitos revolucionários. Mas justamente aí reside sua força, niilismo romântico de quem nada tem a perder. Se não está à altura de Deus, em posição de igual enfrentamento, resta então desafiá-lo, cobiçar seu posto e, em fração de

segundos, lançar sombra sobre a humanidade, sangue sobre a escória do mundo e colorir de pink as calçadas da fama - sua fama pode ser curta, mas sua vida é eterna, e seu rastro de destruição ainda mais deletério que a mais letal das armas nucleares.

Assim, a pintura de Rodolpho Parigi explode em performances, grafites, neons e nanquins... Kafka faz às vezes de guru em seus delírios transformistas cuja repercussão vai muito além dos abastados arranha-céus paulistanos e dos cubos burocráticos das galerias de arte. Tomando a metamorfose como religião, processo de trabalho e ambição última, Parigi apresenta nesta exposição a imagem de um corpo híbrido, ambíguo, de anatomia desconhecida, enquanto Fancy Violence exhibe sua cortante assinatura em neon magenta, a mesma cor do sangue que corre veloz nas veias da anti-heroína.

Bernardo José de Souza